

O estado atual da eficácia do ato analítico

Cecília E. Barahona
cecilia.barahona@outlook.com
Paris, 2025

Selena tem 15 anos e mora com sua mãe, María Selva, seu irmão gêmeo e outro irmão dois anos mais velho. O pai deles morreu quando eles eram jovens, e a mãe mantém um relacionamento com Vicente há cerca de oito anos.

Até recentemente, Selena disse que se dava bem com ele. No entanto, eles tiveram uma discussão recentemente. O motivo foi um carregador de celular que ela pegou sem permissão, alegando ser seu, mesmo estando entre os pertences pessoais de Vicente. Ele a repreendeu por ter pegado algo que pertencia a outra pessoa sem permissão.

A discussão aumentou e, num impulso, Selena saiu para a sacada e disse à mãe que ia pular. A mãe, sem esconder sua raiva, disse a ela para parar de incomodá-lo, deixou-a entrar e pediu que ela escrevesse ao seu analista para discutir o assunto. Ela faz isso no momento e o analista responde algo, mas diz que ela esperará para falar sobre isso na sessão. Dias depois, a mãe pediu para ter uma entrevista para ela.

María Selva chega à mesma reunião chateada com a filha, que costuma responder mal, não ajuda nas tarefas domésticas e trata mal a todos. Ela conta que nunca discutiu com o companheiro e que esse episódio a deixou desconcertada: sente que não reconhece a filha, que não sabe como tratá-la, que não a suporta mais e que tudo é mais suportável com os filhos, que são carinhosos e obedientes.

Quando Selena chega para sua sessão, ela conta o que aconteceu, mas dá uma versão diferente: ela afirma que coisas foram tiradas dela. Ele também diz que não tem medo da mãe, ele assume que ela faz o que quer; Mas no fundo, naquele dia em que ela saiu para a varanda, o que ela queria era ser abraçada e se sentir amada. Porém, em vez daquele abraço, ela recebeu distanciamento, uma ordem para dormir e instruções para falar com seu analista. Isso a deixou ainda mais irritada. Até aqui o desenho animado.

Vivemos um momento histórico que muitos situam no pós-modernismo, enquanto outros defendem que já entramos numa fase conhecida como hipermodernismo ou neoliberalismo tardio. Este período é caracterizado por uma crise de grandes narrativas, um questionamento de verdades absolutas e uma crescente desconfiança nas figuras de autoridade patriarcais tradicionais.

Impõe-se a crença de que todos os sentidos são possíveis, de que cada um pode se perceber a partir de uma infinidade de lugares, à qual se soma a preeminência do consumo e do imediatismo como lógica dominante.

Estamos, portanto, testemunhando uma era marcada por transformações nas formas como vivemos, pensamos e construímos laços sociais. Tudo isso nos convida a reconsiderar nossa prática clínica e nosso papel como analistas.

Não é possível abordar estas questões sem retornar, de alguma forma, à questão do Pai. Ao longo de sua obra, Lacan lhe dá um lugar central e, já em seus primeiros desenvolvimentos, ele retoma uma das preocupações fundamentais de Freud: o que significa ser pai?

É o significante que às vezes representa a autoridade, a lei no inconsciente, fundamental para regular o desejo. Quando falamos do pai, estamos nos referindo à função simbólica que ele incorpora dentro da ordem cultural, dentro da linguagem.

Para nos introduzirmos à questão do desejo do analista na clínica de hoje, creio ser pertinente recuperar algumas passagens do Seminário VIII: A Transferência. Lá, Lacan retoma a trilogia de Claudel como uma forma de encenar o que ele chama de "a tragédia contemporânea do desejo". Essas obras, a seu ver, permitem antecipar como o desejo humano se estrutura a partir de uma perspectiva freudiano-lacaniana e como variações do complexo de castração se inscrevem na subjetividade moderna. A partir daí, abre-se um caminho favorável para pensar a transferência e o lugar ocupado pelo analista, diante do declínio da função paterna.

Por exemplo, em "A Humilhação do Pai", na obra citada, ele aponta que – e aqui está o paradoxo que interessa a Lacan – graças à sua castração, o pai continua necessário como portador da Lei, como aquele que faz cumprir o que está estabelecido. Não é necessário, então, ser o pai onipotente que Freud atribuiu ao pai edipiano vitoriano, mas sim ser aquele que cumpre sua palavra.

Voltando ao nosso desenho, o desafio de Selena pode ser lido como uma exigência dirigida a um Outro. Não é um capricho, mas sim o exercício de um desejo. Entretanto, como vemos nesta ocasião, às vezes isso pode não ser lido, e nesse caso algo sobre a punição aparece.

Em certos casos, podemos observar como a autoridade paterna se evapora em uma cultura que promove a busca constante pelo prazer ilimitado. Uma cultura que impele o sujeito a buscar sempre um pouco mais de satisfação, numa corrida que não para nunca e que, paradoxalmente, deixa o sujeito imerso num desconforto constante. Na minha prática clínica com adolescentes, isso se torna particularmente visível, com sintomas que revelam um transbordamento de prazer: cortes no corpo, ameaças e pensamentos suicidas, inibições (hoje chamam de INCEL), compulsão ao jogo, hiperconexão às redes sociais e uso de substâncias que funcionam como um complemento para lidar com a angústia no encontro com o outro, etc.

Na sessão com Selena, a analista ressalta que não há problema em ela não ter medo de responder à mãe, de fazer o que gostaria, de tentar realizar o que quer, mas que isso tem consequências: nem tudo o que é desejável pode ser realizado e é preciso suportar a diferença entre o que se deseja e a possível realização desse desejo. E um desses efeitos pode ser a reação que sua mãe teve. Então, é sobre pensar o que ela faz com o que a mãe dela disse. Qual é a sua responsabilidade de assumir a responsabilidade pelas consequências de suas palavras e ações? Porque mesmo que ela estivesse buscando um gesto de amor, é difícil que esse gesto seja compreendido se ela o pede dessa forma. Selena responde que não tinha pensado nisso dessa forma, mas que ainda não se sente preparada para isso e que não quer continuar falando, então muda de assunto.

A partir disso, podemos dizer que o ato analítico não mudou em sua estrutura fundamental: o analisando vem à análise em busca de alívio para seu desconforto. Hoje em dia, frequentemente encontramos pacientes (ou pais, a comunidade educacional, psiquiatras, neurologistas, etc.) que surgem com uma exigência imperativa por uma resposta. Uma exigência tirânica que não tolera atraso ou anulação. Nesses momentos, espera-se que o analista não apenas sustente a pergunta, mas que responda imediatamente, que complete o sentido, que satisfaça a urgência, sem o trabalho subjetivo de sustentar uma pergunta.

Assim, o analista não está apenas na posição de Sujeito Suposto Saber, mas também pode ser capturado como alguém que pode suturar a falta: ele é procurado para fornecer algo, uma resposta, uma solução. Nessa tentativa de deslocamento, nos deparamos novamente com a questão do desejo do analista e de seu ato, que não pode ser pensado senão a partir desse desejo, mas também como, a partir daí, se intervém para possibilitar uma brecha em meio à lógica da imediatez que tende a prevalecer no discurso contemporâneo.

Lacan nos alerta que “tudo o que o analista faz, o paciente desfruta”. Cada gesto — seja um silêncio, um suspiro, uma olhada no relógio — será interpretado e deixará um rastro de prazer.

Então, como pensamos sobre a posição do analista hoje, quando o gozo que inevitavelmente o permeia na transferência não é mais velado, mas frequentemente irrompe com uma lógica de impunidade, tentando despojar o ato analítico de sua dimensão ética?

Para chegar a algo novo, o analista faz uma aposta; ele não antecipa nem oferece garantias. Ele também é inovador ao defender a ética de seu desejo como analista. Trata-se, portanto, de o analista mudar de posição conforme os diferentes tempos lógicos no curso de uma cura, promovendo deslocamentos no discurso. Isso nos permite não sacralizar o lugar deles. O lugar do analista é exatamente o oposto de se propor como objeto de identificação. Ela continua a ocupar o lugar do semblante do objeto a, oferecendo-se como esse vazio no campo do Outro que põe em movimento o desejo do sujeito de sustentar um enigma.

Mas, ao mesmo tempo, é fundamental evitar alimentar o prazer mortal do sintoma, não confundindo responsabilidade com punição, como mostra o cartoon, procurando não deixar o analisando na posição de alguém que simplesmente recebe um mandato que o faz sentir-se culpado. Nesse sentido, o analista sabe esperar, sustenta a palavra, dando valor àquilo que atualmente parece desvalorizado.

Trata-se antes de sancionar algo em ação que abre a possibilidade de uma questão, na qual o sujeito pode assumir a responsabilidade pelo seu gozo, dando lugar a uma outra versão dele, não sintomática.

Referências bibliográficas

Feinsilber, E. (2010). Da transferência: Uma introdução à práxis psicanalítica. Carta Viva.

Freud, S. (1916–1917). Aulas introdutórias sobre psicanálise (27ª aula: A transferência). Em *Obras Completas* (Volume XVI, pp. 397–416). Editores Amorrortu.

Freud, S. (1939). Moisés e a religião monoteísta. Em *Obras Completas* (Volume XXIII). Editores Amorrortu. Inclui: *Análise Terminável e Interminável* (p. 211) e *Construções em Análise* (p. 260).

Harari, R. (1990). Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise de Lacan: uma introdução (capítulos V e VI). Paidós.

Harari, R. (1996). Qual é o nome de James Joyce? De El sinthome, de Lacan. Paidós.

Lacan, J. (1958). A direção da cura e os princípios do seu poder. Em Escritos I (p. 575). Editores do século XXI.

Lacan, J. (1961). Seminário 8: Transferência. Paidós.

Lacan, J. (1964). Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Paidós.

Lacan, J. (1971–1972). O saber do psicanalista: Palestras em Sainte-Anne.

Voronovsky, D. (2016, novembro). Perversão hoje: O vínculo social, a eficácia da era digital. Artigo apresentado na conferência “Perversion Today”, Après Coup, Nova York. Disponível em: <https://www.apres-coup.org/>